

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, AS NARRATIVAS DE VIDA E A INCLUSÃO SOCIAL

Autores: Profa. Dra. Lígia Regina Máximo Cavalari Menna, Prof. Dr. Paulo da Silva Quadros e Profa. Ana Lúcia Machado da Silva

Coordenadoras: Profa. Dra. Cielo Griselda Festino e Profa. Roseli Gimenes

Conforme Tori (2010), o significado da Educação a Distância (EaD) é geralmente definido como a “ausência do professor”. Porém, o conceito é bem mais complexo. Centrando-se no aprendiz, há três relações possíveis no processo de ensino e aprendizagem: professor-aluno, aluno-aluno e aluno-conteúdo. Por sua vez, em cada uma destas relações há três tipos de distâncias que devem ser consideradas: espacial, temporal e transacional. A distância espacial refere-se à separação física entre o aluno e o professor, os outros estudantes e o estudante e os conteúdos. A distância temporal refere-se às atividades síncronas como *chats* e assíncronas, deferidas no tempo, como os fóruns de discussão. Finalmente, as atividades transacionais consideram o fato do aluno se sentir afastado dos outros, por não compartilhar com colegas e professores a tradicional sala de aula; contudo, esse sentimento de solidão pode acontecer tanto na educação tradicional como na EaD. Da mesma maneira, o conceito de distância está relacionado ao de presença; como acrescenta Tori, ambos estão relacionados na EaD por meio das ferramentas tecnológicas que encurtam as distâncias entre as partes envolvidas, independentemente da separação geográfica. É esta qualidade da EaD que contribui para o desenvolvimento do projeto das narrativas de vida porque ajuda a relacionar comunidades muito distantes, desconstrói a dicotomia centro-periferia e multiplica o centro nos inúmeros contextos dos alunos; oferece aos alunos a possibilidade de compartilhar problemáticas próprias das suas comunidades e regiões, ou conflitos que acontecem em nível nacional, mas que têm contornos diferentes em cada localidade. Assim, a EaD ajuda a criar, entre os estudantes, no primeiro momento, um sentimento de

autoconfiança quando eles percebem que suas narrativas atraem interesse além do seu próprio *locus* de enunciação e, em um segundo momento, um renovado senso de cidadania quando ao enxergar suas narrativas, entre muitas outras, tornam-se cientes de que devemos considerar as nossas crenças como um possível conjunto de valores em vez de a maneira como o mundo é ou, neste caso, como um único e homogêneo Brasil é.